



DASHIELL
HAMMETT

A MALDIÇÃO
DOS DAIN

Tradução de
Dora Reis

1. Oito diamantes

Era realmente um diamante a brilhar na relva a meia dúzia de passos do caminho de ladrilho azulado. Um diamante pequeno, de um quarto de quilate, quando muito, e sem armação. Guardei-o no meu bolso e comecei a esquadriñar o relvado tão de perto quanto pude sem chegar ao ponto de rastejar.

Tinha passado em revista uns dois metros quadrados de relvado, quando a porta da frente da família Leggett se abriu.

À entrada apareceu uma mulher que se deteve no degrau de pedra largo do topo, olhando-me com uma curiosidade bem-humorada.

Teria cerca da minha idade, quarenta anos, cabelo louro um tanto escuro, um agradável rosto rechonchudo e faces rosadas com covinhas. Envergava uma bata branca às florzinhas de alfazema.

Parei de olhar a relva e aproximei-me, perguntando-lhe:

– Mr. Leggett está em casa?

– Sim. – A sua voz era tão plácida quanto o seu rosto. – Deseja falar com ele?

Respondi que sim. Dirigiu-me um sorriso a mim e outro ao relvado, simultaneamente.

– É outro detetive, não é? – Admiti que sim.

Conduziu-me a uma sala verde, laranja e cor de chocolate no primeiro andar, instalou-me numa cadeira forrada a brocado e foi chamar o marido ao laboratório. Enquanto esperava, observei a sala em meu redor, concluindo que o sombrio

tapete laranja debaixo dos meus pés era genuinamente oriental e genuinamente antigo; que a mobília de nogueira não tinha sido polida por maquinaria; e que as gravuras japonesas na parede não tinham sido escolhidas por um puritano.

Edgar Leggett entrou, dizendo:

– Peço desculpa por o ter feito esperar, mas tenho estado ocupado. Descobriram alguma coisa?

A voz era inesperadamente severa, ríspida, embora os seus modos fossem bastante afáveis. Era um homem trigueiro e hirtó, dos seus quarenta e poucos anos, esguió mas musculado, e estatura mediana. Poderia até dizer-se bonito, não fosse o rosto moreno estar tão profundamente marcado por acentuadas rugas a meio da testa que lhe desciam junto ao nariz até aos cantos da boca. Usava o cabelo escuro um pouco para o comprido, e os caracóis emolduravam-lhe a testa larga, enrugada. Possuía uns olhos castanho-avermelhados, extraordinariamente brilhantes por trás dos óculos de aros de tartaruga, e um nariz comprido, afilado, de papagaio. Os lábios, bem delineados e vivos, traçavam uma fina linha por cima do queixo pequeno e anguloso. A roupa, em tons de preto e branco, era de bom corte e estava bem cuidada.

– Ainda não – disse, respondendo à sua pergunta. – Não sou da polícia: venho da Agência Continental; trabalho por conta da companhia seguradora. Acabo de receber este serviço.

– Companhia seguradora? – perguntou, parecendo surpreendido, e ergueu umas sobrancelhas escuras por cima dos aros escuros dos óculos.

– Sim. Não sabia que estavam...?

– Claro – disse sorrindo e interrompendo as minhas palavras com um leve gesto de mão. Possuía umas mãos compridas e estreitas, com as pontas dos dedos volumosas, feias como costuma ser a maioria das mãos treinadas.

– Claro que sim – acrescentou. – Estariam com certeza segurados. Ainda não tinha pensado nisso. Os diamantes não eram meus, sabe; eram da Halstead.

– Halstead & Beauchamp? A seguradora não me deu pormenores. Tinha os diamantes para homologação?

– Não. Estava a usá-los em experiências. Halstead conhecia o meu trabalho na área da coloração e pintura de vidro depois da sua manufatura e mostrou-se interessado na possibilidade da aplicação do processo aos diamantes, sobretudo para melhorar as cores de pedras imperfeitas, eliminar matizes amarelos e castanhos e enfatizar os azuis. Pedi-me para tentar e há cinco semanas entregou-me aqueles diamantes para trabalhar. Eram oito, nenhum deles particularmente valioso. O maior pesava pouco mais de meio quilate, alguns dos outros apenas um quarto e, à exceção de dois, todos tinham uma cor pobre. Foram essas as pedras que o ladrão levou.

– Nesse caso, não teve êxito? – perguntei.

– Para lhe ser franco – disse –, não tinha feito o menor progresso. Este tipo de trabalho é muito delicado e o material é bastante resistente a mudanças.

– Onde é que os guardava?

– Geralmente deixava-os em qualquer lado, mas sempre no laboratório, claro; contudo, de há uns dias para cá, desde o fracasso da minha última experiência, encontravam-se fechados no armário.

– Quem é que tinha conhecimento das experiências?

– Qualquer pessoa, toda a gente. Não se tratava de nenhum segredo.

– Roubaram-nos do armário?

– Sim. Esta manhã encontrámos a porta da frente aberta e a gaveta do armário forçada. Os diamantes tinham desaparecido. A polícia encontrou vestígios na porta da cozinha. Segundo dizem, o ladrão entrou por aí e saiu pela porta principal. Nós não ouvimos nada ontem à noite. E não levaram mais nada.

– Esta manhã – interveio então Mrs. Leggett da soleira da porta –, quando desci, encontrei a porta escancarada. Fui lá acima acordar Edgar, e depois, quando inspecionámos a

casa, descobrimos que os diamantes tinham desaparecido. A polícia acha que o homem que eu vi devia ser o ladrão.

Eu fiz perguntas sobre o homem que ela tinha visto.

– Foi ontem à noite, por volta da meia-noite, quando abri as janelas do quarto antes de me deitar. Avistei um homem parado à esquina. Não posso afirmar, mesmo depois de isto acontecer, que tivesse propriamente um ar suspeito. Estava ali parado como se esperasse alguém, olhando nesta direção, mas não me pareceu estar a observar a casa. Aparentava ter uns quarenta e tal anos, para o baixo, largo de costas, assim como você, mas usava um bigode castanho hirsuto e a tez era pálida. Usava um boné e um sobretudo escuros, julgo que castanhos. A polícia acha que se trata do mesmo homem que Gabrielle viu.

– Quem?

– A minha filha, Gabrielle – esclareceu. – Quando vinha para casa uma noite já tarde, creio que era um sábado, viu um homem que lhe pareceu vir dos nossos degraus; mas não tinha a certeza e não voltou a pensar mais no assunto, senão depois do assalto.

– Gostaria de falar com ela. Está em casa?

Mrs. Leggett saiu para chamá-la.

– Os diamantes estavam soltos? – perguntei a Leggett.

– Estavam por montar, claro, e em pequenos envelopes de manila da Halstead & Beauchamp, cada um deles num envelope separado, com um número e o peso da pedra escrito a lápis. Os envelopes também desapareceram.

Mrs. Leggett regressou com a filha, uma rapariga de uns vinte anos ou menos, envergando um vestido de seda branco sem mangas. De estatura mediana, dava a ideia de ser mais magra do que era na realidade. Tinha o cabelo ondulado como o do pai, e não mais comprido, mas de um castanho bastante mais claro. O queixo era pontiagudo, a pele muito branca e suave; das suas feições, apenas os olhos verde-acastanhados eram grandes: testa, boca e dentes eram de uma singular

pequenez. Ergui-me para me ser apresentada e interroguei-a sobre o homem que ela tinha visto.

– Não tenho a certeza de que ele vinha da nossa casa – disse –, nem sequer do jardim. – Tinha um ar taciturno, como se não gostasse de ser questionada. – Pareceu-me que vinha, mas apenas o vi subir a rua.

– Qual era o aspeto desse homem?

– Não sei. Estava escuro. Eu estava dentro do carro, ele ia a subir a rua. Não o observei com atenção. Era mais ou menos da sua altura. Até podia ser o senhor, pelo que vi.

– Não era eu. Isso foi no sábado à noite?

– Sim... quer dizer, domingo de madrugada.

– A que horas?

– Oh, três da manhã ou mais – disse impacientemente.

– Estava sozinha?

– Claro que não.

Perguntei-lhe com quem estava e por fim consegui um nome: Eric Collinson trouxera-a a casa de carro. Indaguei onde podia encontrar o dito rapaz, ao que ela franziu o sobrolho, hesitante, mas acabou por revelar que era empregado da Spear, Camp & Duffy, corretores. Logo de seguida, acrescentou que tinha uma terrível dor de cabeça e pediu-me que lhe desse licença, uma vez que, garantidamente, não devia ter mais perguntas a fazer-lhe. E com isto, sem esperar pela minha resposta, deu meia-volta e saiu da sala. Quando voltou costas, reparei que as orelhas não tinham lóbulos e eram invulgarmente pontiagudas.

– E os seus empregados? – perguntei a Mrs. Leggett.

– Só temos uma rapariga, Minnie Hershey, uma negra. Ela não dorme cá, e tenho a certeza de que não teve nada que ver com isto. Está connosco há quase dois anos e posso garantir que é uma pessoa honesta.

Disse que gostaria de falar com Minnie, e a dona da casa chamou-a. A empregada era uma jovem mulata de estatura baixa, rija, cabelo preto liso e feições morenas de índia.

Mostrou-se muito educada, insistindo que não tinha nada que ver com o roubo dos diamantes e que só soubera do assalto quando ali chegara nessa manhã. Deu-me o endereço de casa, um bairro negro de São Francisco.

Leggett e a mulher conduziram-me então ao laboratório no andar de cima, uma vasta divisão que ocupava toda a área do segundo andar menos uma quinta parte. Na parede pintada de branco, entre as janelas, havia gráficos pendurados. O chão de madeira estava despido. Uma máquina de raios X, ou coisa parecida, quatro ou cinco aparelhos mais pequenos, um forno, um amplo lava-louça, uma espaçosa mesa de zinco, outras de porcelana mais pequenas, suportes, prateleiras com objetos de vidro e tanques de metal em forma de sifão eram o tipo de objetos que enchia grande parte do espaço.

O armário de onde haviam desaparecido os diamantes era um móvel de metal lacado de verde com seis gavetas, fechando em conjunto com uma só chave. A segunda gaveta de cima – na qual haviam estado guardados os diamantes – estava aberta. Um dos cantos estava amolgado, provavelmente porque ali se introduzira um pé de cabra ou um cinzel. As outras gavetas ainda estavam trancadas. Leggett explicou-me que, ao forçarem essa gaveta, o mecanismo de tranca encravara, de modo que agora teria de chamar um serralheiro para conseguir abrir as outras.

Começámos a descer, passando por uma divisão onde a rapariga mulata andava às voltas com um aspirador, e entramos na cozinha. A porta das traseiras e respetiva ombreira exibiam tantas marcas quanto o armário, feitas aparentemente pelo mesmo utensílio.

Quando acabei de examinar a porta, retirei o diamante do bolso e mostrei-o ao casal Leggett, perguntando:

– Este é um deles?

Leggett tirou-o da palma da minha mão com um indicador e polegar, estendeu-o à luz, virando-o de um lado para o outro, e disse:

– Sim. Reconheço a mancha turva na culaça. Onde é que o encontrou?

– Aqui em frente de casa, na relva.

– Ah, o nosso ladrão deixou cair parte do saque com a pressa.

Disse que tinha as minhas dúvidas.

Leggett uniu as sobrancelhas por detrás das lentes, espiou-me com uns olhos pequenos e perguntou com rispidez:

– Qual é a sua opinião, então?

– Penso que foi colocado ali de propósito. O seu ladrão sabia demasiado. Sabia em que gaveta procurar. Não perdeu tempo com mais nada. Na gíria de detetive, chama-se a isso um «trabalho interno», precisamente porque se tem menos trabalho quando há um culpado no local; mas eu não vejo aqui mais nada.

Minnie apareceu à porta, de aspirador ainda na mão, e começou a choramingar que era uma rapariga honesta, e que ninguém tinha o direito de a acusar de nada, que a podiam revistar e revistar a sua casa se quisessem, e que só porque era uma rapariga de cor não era razão, e não sei quê, não sei que mais; e nem tudo o que dizia se percebia porque o aspirador ainda estava a roncar nas suas mãos, e falava por entre soluços. Corriam-lhe lágrimas pelas faces.

Mrs. Leggett aproximou-se dela, deu-lhe uma palmadinha no ombro e disse:

– Pronto, pronto. Não chore, Minnie. Eu sei que não teve nada que ver com isto, e toda a gente sabe isso. Pronto, pronto. – Consegui que a rapariga parasse de chorar e mandou-a para cima.

Leggett estava sentado num canto da mesa da cozinha e perguntou:

– Suspeita de alguém nesta casa?

– Alguém que esteve cá em casa, sim.

– Quem?

– Por enquanto ninguém.